



Série Pensamento Negro Descolonial

Insurgências poéticas-políticas: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas

Miriam Cristiane Alves
Cecília Maria Izidoro-Pinto
Ademiel de Sant'Anna Junior

ORGANIZADORAS



Míriam Cristiane Alves
Cecília Maria Izidoro-Pinto
Ademiel de Sant'Anna Junior

ORGANIZADORAS

Série Pensamento Negro Descolonial

Insurgências poéticas-políticas: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas

1ª Edição

Porto Alegre

2023

editora



redeunida

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

I59

Insurgências Poéticas-Políticas: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas/ Organizadoras: Míriam Cristiane Alves; Cecília Maria Izidoro-Pinto e Ademiel de Sant'Anna Junior – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2023.

230 p. (Série Pensamento Negro Descolonial, v.6)

E-book: 4,70 Mb; PDF

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5462-083-3

DOI: 10.18310/9786554620833

1. População Negra. 2. Terapias Complementares. 3. Ativismo Político. 4. Fatores Raciais.
I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

NLM WM 49

CDU 316.6

Catálogo elaborado pela bibliotecária Alana Santos de Souza - CRB 10/2738

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre - RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br



QUEBRA-PEDRA-RASTEIRA APRESENTA...²

Míriam Cristiane Alves
Cecília Maria Izidoro-Pinto
Ademiel de Sant'Anna Junior

Passo a passo E'léékò caminha. *Reclamadeira* do forte calor que queima a sola dos seus pés no asfalto que ferve, malemolente segue caminhando. Seus passos, na ponta dos pés, lembram os pés de quem tem intimidade com as danças. Jovem atrevida, com olhos expressivos e língua solta, vocífera para o próprio sol: – Eu hein... Parece brasa! Preciso pisar rapidinho. – E'léékò pensava alto e nada tímida, sempre se soube feita de muitas palavras, com olhos amendoados e pele d'noite que começa e termina consoante com muitas línguas. No céu de sua boca um recado em relevo para a língua jamais esquecer: Ancestral! E'léékò nascera assim, marcada no céu da boca pela ancestralidade. Sempre implacável, E'léékò sustenta na escuta sensível a presença de multidões que nutrem cada palavra que escorre de sua boca. Seus seios fartos, acolhem quem quiser chegar – é com Yemojá que E'léékò compreende amparar a todas, todos, todes que assim desejarem chegar, em seu colo sempre cabe mais um. Usando suas longas tranças como lençol, E'léékò deixa quentinho quem dela se aproxima. Colo-Quilombo onde múltiplas forças confluem, é com as poéticas de existências negras que, passo a passo, E'léékò continua a caminhar. – E quando calor preciso aliviar é no mar que vou me refrescar –, sussurrava E'léékò em pensamento.

Sua voz que é retumbantemente povoada pela multiplicidade de línguas crioulizadas, faz E'léékò inventar comuns parindo e nascendo das forças

2 Essa coletânea compõe as ações do Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò e tem o financiamento do Programa de Apoio à Pós-Graduação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PROAP-CAPES), por meio do convênio com o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSI-UFRGS).

vocálicas que dela se aproximam, e logo percebem a textura da ancestralidade no céu da boca. Esse registro, que inscreve o comum, faz com que E'léékò e as suas consigam ser dialeticamente tão compreendidas quão estranhadas, opacas.

Caminhadeira, E'léékò segue caçula em direção à encruzilhada onde reside sua irmã mais velha. – Bora que tá quente aqui! – Quizumbeia E'léékò com sua irmã mais velha, Opacidade, sempre vestida de amarelo assim como o sol, era conhecida entre as encruzilhadas por sua gargalhada alta, e suas lágrimas tanto teimosas quanto fartas... que escorregadiamente sacaneavam todos aqueles que tentavam defini-la. Conhecida nos rolês como “aquela que se faz”, título este que sempre se orgulhou de sustentar. – Me faço mesmo, eu hein... entre meu leque, meus testículos e meu calcanhar ou me faço ou sou dominada e vão querer “me fazer”? Isso nunca! Jamais podemos deixar de nos fazer, viu E'lééko? – Enquanto termina de falar, Opacidade passa por entre o espelho d'água que atravessa seus aposentos e lindíssima avisa a E'léékò: – Maninha, já estou pronta pra ir visitar a Vó Chica – e brincando com sua caçulinha chama atenção: – E'léékò, olha minha cara de quem vai ser dominada... – as irmãs gargalham enquanto admiram suas belezas no espelho d'água.

E'léékò sempre adorou esse jeito metido da sua irmã mais velha. Mas sempre soube que o deboche de Opacidade também é seu mecanismo de cura. Haviam feridas que Opacidade carregava que ainda sangravam pra caramba. E'léékò respeitava muito sua irmã. Seu olhar admirado para Opacidade chegava sempre como misto de aprendizado e potência. Opacidade quase que ouvindo os pensamentos de E'léékò para de falar por um instante, e deixa algumas memórias-lágrimas escorrerem. Enquanto fricciona em seus lábios o batom vermelho feito de Urucum e amoras, colhidas na lua nova – receita de Vó Chica – Opacidade termina de se maquiar sem esconder os olhos molhados, e só então deixa sua língua dizer: – Malditos! –, enquanto conta

sobre as investidas violentas de conquista que sofreu ao longo de seus quase 600 anos. E'léékò segue saboreando a malemolência de sua irmã. E'léékò sabia que cada história de sua irmã também é sua. Friccionando então sua língua ao céu da boca sente o gostinho da ancestralidade.

Opacidade se abana com seu leque feito de penas caídas dos Tiê-sangue³ que cantam com ela no mato, se levanta Quizumbeira, olha debochada para uma E'léékò agora suada e pergunta: –Tá com calor novinha, tá? – enquanto E'léékò seca seu rosto no lençol d'água que passa ao lado da cama de Opacidade, sua mais velha pega argila para passar nos pés da caçula. E'léékò agradecida encosta a sola de seus pés no chão, e logo pergunta: – Maninha, quanto tempo preciso esperar secar? – Opacidade responde curvando os olhos para cima e dizendo: – A argila e você já estão em Relação. Vocês são feitas da mesma matéria, minha doce E'léékò. Nem ela, nem você precisam secar, só precisamos caminhar. Aliás, garota, já estamos atrasadas para visitar a vó Chica. Bora?

Ao chegarem, logo escutam Vó Chica cantarolar, já andava inquieta pra lá e pra cá, colhendo suas plantinhas sem notar a chegada de E'léékò e de Opacidade. Ela conversa com o vento, a terra, as plantas e os passarinhos que fazem seus ninhos na pitangueira centenária plantada por sua mãe, a Poética. Vó Chica se lembra de sua mãe Caos-Mundo, e em nome dela começa a cantar uma música que estranhamente E'léékò e Opacidade notam que suas bocas sabem acompanhar. Já não estão mais escondidas, suas pernas as levam de mãos dadas ao quintal numa dança que Vó Chica, em gira, segue cantarolando e fazendo a vida circular. Através do cuidado de suas ervas que crescem perto das quartinhas no quintal, Vó Chica segue transmitindo para suas netas E'léékò e Opacidade a ciência que cada uma das ervas carrega.

3 Ave tipicamente brasileira, vivente da Mata Atlântica. Tiê-sangue ou Tiê-fogo como também é conhecido, possui penas vermelhas vivas que assim permanecem somente longe dos cativeiros. Para mais informações vide Tiê-sangue no WikiAves: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/tie-sangue>.

Na casa de Vó Chica tudo é feito de barro, lá todas andamos com os pés descalços porque o barro criador do quintal conversa com as solas dos pés – conjura Vó Chica enquanto recebe suas netas. Logo leva E'léékò e Opacidade para escutarem os girassóis... Ela se inclina segurando o pilão, e enquanto cheira os girassóis fala baixinho: – Pois é, minha muriquinha E'léékò, nossos pés também contam poesias... não escutou não? – E'léékò assente com a cabeça e sempre junta à Opacidade segue Vó Chica pelo quintal. Vó Chica falava e andava tão, tão rápido, que as duas quase não conseguiam acompanhar. Foram juntas até as ruas ainda descalças. Suas solas dos pés encontram naquele dia de sol forte, o truculento tapete de asfalto que queimou os pés de E'léékò, que logo pergunta com a curiosidade de sempre: – Vó Chica, o que fazemos aqui? Este chão de cimento esquenta os pés, tá doendo viu?! Além do mais, aqui no cimento acho difícil de existir o verde, as flores e as ervas que tratam e curam. – Vó Chica dá de ombros e olha E'léékò com um sorriso de canto d'olho que as pretas velhas fazem quando querem deixar seu propósito sem palavras. O problema é que as mais novas são nutridas por certa curiosidade e, às vezes apressadas, movimentam intensidades de quem ativa memórias do futuro que vivemos lá atrás com quem está por vir e na frente com nossas mais velhas... E'léékò fricciona a língua ao céu da boca, e logo decide com a Opacidade acompanhar sua avó pelo asfalto.

Vó Chica chama a atenção das irmãs e ao se inclinar no asfalto quente, ali na altura do meio fio, olha para ambas e diz: – Em tudo tem nosso sinhô! C'ês precisam se atentar a essa poderosa erva que colore de verde o asfalto acinzentado, que nasce entre as rachaduras do cimento, pois ela insurge pelas frestas enquanto rebenta desde o chão. Venham cá E'léékò e Opacidade, venham fuçar com as pontas dos dedos e escutar o lugar que essa erva nasceu. O nome dela? Quebra-pedra-rasteira. E vocês

muriquinha que, assim como eu, é daqui e dali, não seria espanto se a gente se transformasse em corpas-quebra-pedra-rasteiras? E se nossa fuxicagem, nos fizer passar pelas rachaduras? Não é desde o chão que a gente luta?

Não é existindo desde nosso canto, nossa música, nossa dança que a gente se defende de toda violência aqui no asfalto, mantendo viva nossa história, nosso cantinho de chão e nossas geografias? Assim como a quebra-pedra somos rasteiras, e com nossa força e insurgência quebramos pedras.

– Vó Chica, a quebra-pedra-rasteira também é chá, né? – Sim, E'léékò... Esse chá, assim como quebra asfalto, também quebra pedra do rim. É tão forte quanto o girassol, que diferente dos olhos da gente, consegue encarar o sol, e segue de pé com suas flores, se movimentando segundo o movimento do grande astro rei. Suas sementes vêm de longe sarando e cicatrizando nossas feridas, não por acaso seu nome começa com gira, né não? – E a babosa, minha Vó? É boa para hidratar e tratar de tantas coisas: anemia, artrite, gastrite... – Vó Chica assente com a cabeça enquanto lembra e prepara o chá de camomila para tomarem com um bolinho de fubá. – Essas todas que falamos, E'léékò, nascem, crescem e vão se transformando sem querer saber da dureza do chão de asfalto. A gente pode aprender muito com elas e, quem sabe, experimentar pulsações do chão de asfalto em nosso caminhar. Cês conseguem imaginar? – E'léékò, Opacidade e Vó Chica experimentam o chá docinho com o bolo de fubá, enquanto seus pés dançam juntas conosco, rasteiras, com os dedos no chão. As corpas-quebra-pedra vieram para ficar e rebentam nossas epistemologias pretas... mesmo à altura do chão do asfalto quente.

Nesse sexto volume da *Série Pensamento Negro Descolonial*, o convite é que possamos caminhar com E'léékò e sua irmã Opacidade. Convidamos você a rachar o asfalto, a experimentar, curiosa, estas pulsações com E'léékò, que rebentam poéticas e conspirações rasteiras

entre rasgos, insurgências e memórias, isto é, que rebentam epistemologias pretas desde o chão.

Nesta coletânea, contamos com um conjunto de textos que assim como este parido por E'léékò, Opacidade e Vó Chica, também são construídos a muitas mãos, pés, barro, línguas nascidas entre as rachaduras, por pesquisadoras e artistas que confluem torções, dobras e movimentações que, assim como o girassol, caminham seguindo o quentinho enquanto giram na gira do sol. Agenciamos e trançamos, aqui, produções poéticas atrevidas que rebentam pelas rachaduras do truculento asfalto acadêmico. Enquanto escrevemos, atrevemos e confluímos rasteiras. Não será este um gesto metodológico por onde somos paridas? Afinal, nossas corpos-poéticas rasteiras são feitas de navalha quebra-pedras.